

**FAPESP**  
CARLOS VOGT  
PRESIDENTE

#### CONSELHO SUPERIOR

ADILSON AVANSI DE ABREU, CARLOS HENRIQUE DE BRITO  
CRUZ, CARLOS VOGT, CELSO LAFER,  
HERMANN WEVER, HORÁCIO LAFER PIVA, JOSÉ ARANA  
VARELA, MARCOS MACARI, NILSON DIAS VIEIRA JUNIOR,  
RICARDO RENZO BRENTANI, WAHAN AGOPYAN,  
YOSHIAKI NAKANO

#### CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

JOAQUIM J. DE CAMARGO ENGLER  
DIRETOR ADMINISTRATIVO  
E DIRETOR PRESIDENTE (INTERINO)

JOSÉ FERNANDO PEREZ  
DIRETOR CIENTÍFICO

#### PESQUISA FAPESP

##### CONSELHO EDITORIAL

LUIZ HENRIQUE LOPES DOS SANTOS (COORDENADOR CIENTÍFICO),  
EDGAR DUTRA ZANOTTO, FRANCISCO ANTONIO  
BEZERRA COUTINHO, JOAQUIM J. DE CAMARGO ENGLER,  
JOSÉ FERNANDO PEREZ,  
LUIZ EUGÊNIO ARAÚJO DE MORAES MELLO,  
PAULA MONTEIRO, WALTER COLLI

DIRETORA DE REDAÇÃO  
MARILUCE MOURA

EDITOR CHEFE

NELSON MARCOLIN

EDITORA SÊNIOR

MARIA DA GRAÇA MASCARENHAS

DIRETOR DE ARTE

HÉLIO DE ALMEIDA

EDITORES

CARLOS FIORAVANTI (CIÊNCIA), CARLOS HAAC (HUMANIDADES),  
CLAUDIA IZIQUE (POLÍTICA GAT), HEITOR SHIMIZU (VERSÃO ON-LINE),  
MARCOS DE OLIVEIRA (TECNOLOGIA)

EDITORES ESPECIAIS

FABRÍCIO MARQUES, MARCOS PIVETTA

EDITORES ASSISTENTES

DINORAH ERENO, RICARDO ZORZETTO

CHEFE DE ARTE

TÂNIA MARIA DOS SANTOS

DIAGRAMAÇÃO

JOSÉ ROBERTO MEDDA, MAYUMI OKUYAMA

FOTÓGRAFOS

EDUARDO CÉSAR, MIGUEL BOYAN

COLABORADORES

ANA MARIA FERRAZ, ANDRÉ SERRADAS (BANCO DE IMAGENS),  
EDUARDO GERAQUE (ON-LINE), ELIZABETH TOGNATO,  
FRANCISCO BICUDO, JOANA MONTELEONE, LAURABETRIZ,  
LAURA DE MELLO E SOUZA, LEDA BALBINO,  
MARCELO HONÓRIO (ON-LINE), MÁRCIO GUIMARÃES DE  
ARAÚJO, MARGÔ NEGRO, SABRINA DURAN, SAMUEL ANTONER,  
SYLVIA LEITE, SÍRIO J. B. CAÑADO, THIAGO ROMERO  
(ON-LINE), YURI VASCONCELOS

ASSINATURAS

TELETARGET

TEL. (11) 3038-1434 - FAX: (11) 3038-1418

e-mail: fapesp@teletarget.com.br

APOIO DE MARKETING

SINGULAR ARQUITETURA DE MÍDIA

singular@sing.com.br

PUBLICIDADE

TEL: (11) 3838-4008

e-mail: publicidade@fapesp.br (PAULA ILLAIDS)

PRÉ-IMPRESSÃO

GRAPHBOX-CARAN

IMPRESSÃO

PLURAL EDITORA E GRÁFICA

TIRAGEM: 44.000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO

DINAP

CIRCULAÇÃO E ATENDIMENTO AO JORNALISTA

LMX (ALESSANDRA MACHADO)

TEL: (11) 3865-4949

atendimento@lmx.com.br

GESTÃO ADMINISTRATIVA

INSTITUTO UNIEMP

**FAPESP**

RUA PIO XI, N° 1.500, CEP 05468-901

ALTO DA LAPA - SÃO PAULO - SP

TEL. (11) 3838-4000 - FAX: (11) 3838-4181

http://www.revistapesquisa.fapesp.br

cartas@fapesp.br

#### NÚMEROS ATRASADOS

TEL. (11) 3038-1438

Os artigos assinados não refletem  
necessariamente a opinião da FAPESP

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL  
DE TEXTOS E FOTOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO



FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO  
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO



### Muito além da retórica

Com certa frequência a expressão desenvolvimento sustentável soa como uma espécie de engodo retórico para recobrir o vazio de projetos práticos, bons e consistentes o suficiente para produzir alguma transformação econômica ou social e, ao mesmo tempo, preservar de modo desejável o ambiente em determinadas regiões. Mas é certamente uma noção inteiramente diversa que o conceito transmite ao ser relacionado a dois projetos de inovação tecnológica apresentados na reportagem de capa desta edição de *Pesquisa FAPESP*. Ambos estão sendo implantados pela mesma empresa no Vale do Ribeira, uma extensa região entre as cidades de São Paulo e Curitiba, em que se combinam, aliás, de forma nada rara no Brasil, precariedade das condições de vida da população local e riqueza notável de seu patrimônio natural. No Vale do Ribeira está a maior área remanescente de Mata Atlântica do país, ou seja, cerca de 600 mil hectares de floresta.

O primeiro desses projetos, relata a partir da página 66 a editora assistente de tecnologia Dinorah Ereno, tratou de identificar e extrair da mata, com metodologia científica, plantas medicinais que começam a ser vendidas secas e embaladas. Registre-se que o extrativismo é atividade comum na região, em geral nociva à preservação das espécies nativas. Neste caso, essa prática corrente chega a resultados bem diferentes: além da regeneração garantida das plantas em seu habitat e dos ganhos científicos, há evidentes benefícios econômicos e sociais. Entre outros, o conhecimento adquirido, tanto no que diz respeito à extração quanto ao processamento da matéria-prima, está sendo repassado a comunidades quilombolas da região, num retorno justo das informações sobre as plantas que seus integrantes deram aos pesquisadores no início do trabalho. O segundo projeto, com uma técnica que se vale da utilização de pequenos pedaços de brotos das plantas, permite a reprodução em laboratório em larga escala das belas bromélias na-

tivas da região, sem destruição do espécime original usado e sem a retirada de exemplares da floresta. Ambos são exemplos de projeto a serem imitados por outras empresas preocupadas com o desenvolvimento e a questão da responsabilidade social.

A propósito do desenvolvimento e seus caminhos, é leitura valiosa a reportagem sobre os primeiros (e ainda inéditos) resultados da Pesquisa da Atividade Econômica Paulista (Paep) 2001, elaborada pela Fundação Seade, que abre a seção de humanidades. Como relata a editora de política Cláudia Izique, a partir da página 82, o estudo em questão indica que, apesar de todas as mudanças sofridas pelo universo produtivo nos últimos anos, a indústria ainda é o pólo dinâmico da expansão da economia paulista. E, entre outros dados surpreendentes, a pesquisa revela que o mercado de trabalho no setor de serviços cresce sim, mas nas grandes empresas do setor; sugere que a aposta na construção civil pode não produzir os efeitos desejados sobre o desemprego e que as políticas públicas voltadas para pequenas empresas de serviço talvez tivessem mais efeito se, em vez do emprego, focassem a competitividade do negócio. Conhecer esses dados obtidos com método rigoroso pode evitar terremotos desnecessários na gestão das políticas econômicas.

Há, contudo, terremotos que não podem ser evitados. O editor de ciência Carlos Fioravanti explica a causa dos tremores em uma região do Brasil que deveria ser muito estável (página 36). Uma equipe do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo analisou quase um quarto do território nacional que se encontra no interior das placas tectônicas e não deveria tremer com frequência. Os pesquisadores constataram que essas áreas estão sujeitas a tremores porque apresentam uma litosfera – camada de rochas com 100 a 200 quilômetros de profundidade – mais fina.

MARILUCE MOURA - DIRETORA DE REDAÇÃO